

Cardoso

FH a Lula sobre servidores: 'Apertar, mas não matar'

Ex-presidente volta a criticar o governo, que 'precisa se opor a alguns interesses, mas não contrariar a todos'

Soraya Aggege

● SÃO PAULO. Numa aula magna sobre liderança, ontem, o ex-presidente Fernando Henrique mandou recado ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre a crise política provocada pela reforma da Previdência. Segundo ele, "quem governa precisa se opor a alguns interesses, mas não pode contrariar a todos eles, sob o risco de perder o posto de líder". Para Fernando Henrique, Lula precisa acertar a dose com os servidores: "apertar, mas não matar". Antes da aula, em entrevista a uma estação de rádio, ele disse que Lula não conseguirá efetivar o "espetáculo do crescimento" como tem prometido, mas apenas torcer por isto.

— Hoje os governantes não têm mais o poder que tinham no passado. Não são eles que decidem a taxa de crescimento. Os presidentes podem apenas torcer por isto — disse.

Ex-presidente fala da solidão do poder

Fernando Henrique afirmou ainda que Lula não tem praticado uma política de continuidade ao seu governo, como vem sendo avaliado, mas apenas assumido responsabilida-



FERNANDO HENRIQUE exhibe o diploma que recebeu após a aula magna na Universidade de Santo Amaro

des diante da atual situação. De acordo com o ex-presidente, seria impossível para Lula assumir medidas diferentes nas áreas fiscal e monetária.

Durante a aula, que inaugurou o programa de mestrado em liderança da Universidade de Santo Amaro (Unisa), o ex-

presidente falou sobre a solidão do poder. Segundo avaliou, a influência do governante é muito mais importante que o poder propriamente dito nos regimes democráticos.

— Fisicamente o poder não é solitário. É uma vida cercada de gente por todos os lados,

geralmente de pessoas que dizem o que se quer ouvir. Alguns grilos (falantes) você tem que ter em volta para ser contrariado, ou estará perdido. É preciso ter força interna para ouvir e depois resolver. Neste momento você está isolado com sua consciência.

O ex-presidente contou que, além da solidão, enfrentou pelo menos mais três dificuldades ao trocar a vida acadêmica pela política: o contato físico com as pessoas, que o chocava, ouvir desaforos e ter que se calar, principalmente no Congresso, e ainda ter que "olhar para o vazio" enquanto fala com as pessoas. Segundo ele, como professor sempre falou olhando nos olhos dos alunos.

— Nos anos 80 (na primeira candidatura, para o Senado) eu só levava choques. Não tinha o hábito de ser tocado. A relação física com as pessoas era extremamente difícil para mim: um abraço, um beijo. Mas agora ninguém me dá (abraços e beijos) — disse, brincando.

Fernando Henrique disse ainda que a liderança não é uma ciência e tem dois momentos cruciais: a chegada e a saída de um cargo de poder. No primeiro momento, valem a determinação e convicção. Na partida, disse, é preciso pensar naquilo que se tentou fazer:

— Você tem de pensar no que tentou para poder dormir. Depois é aguardar o julgamento da História. Mas aí você já estará morto. A gente deve ter humildade: se fiz, não fiz, sabe Deus. A História dirá.

Enquanto aguarda o julga-

mento da História, Fernando Henrique tentará usar da influência de ex-presidente, já que não exerce mais o poder institucional, como explicou. Segundo ele, a idéia é inaugurar um estilo novo para ex-presidentes, já que no Brasil eles não exercem funções de peso.

— Não há muita tradição de ex-presidentes. Fui eleito duas vezes pelo voto direto, então por que não criar a função de ex-presidente tem de estar contente por isso, não pode ficar fazendo sombra para os companheiros de partido — disse Fernando Henrique.

Nova defesa da candidatura de Serra a prefeito de SP

Ele voltou a afirmar que José Serra é hoje o melhor nome para disputar a prefeitura de São Paulo, mas que a indicação do candidato tucano será feita pelo governador Geraldo Alckmin. Segundo Fernando Henrique, Serra já conversou com ele e disse que não tem interesse na candidatura.

— O nome mais forte eleitoralmente é Serra neste momento. Mas para ser candidato é preciso querer ser o candidato. Eu tenho ainda que conversar mais com ele sobre isto — disse. ■

Daniel Pera/"Diário de S. Paulo"